

Rumo à imortalidade e à virtualidade

A construção científico-tecnológica do homem pós-orgânico

Paula Sibilía (sibilía@ajato.com.br)

Mestranda em “Comunicação, Imagem e Informação”, IACS/UFF

RESUMO:

Se todas as sociedades produzem determinados tipos de corpos e subjetividades, quais seriam as características destas construções na sociedade contemporânea? Procurando uma possível resposta, este artigo analisa os atuais processos de hibridização homem-tecnologia pelo viés de uma certa tradição “fáustica” do pensamento ocidental. O “pacto” entre o homem contemporâneo e a tecnociência visa a ultrapassagem das limitações da organicidade, apontando para a construção de um ser híbrido “pós-biológico”, misto de corpo humano e artifício técnico. A informática, as telecomunicações e as biotecnologias alimentam o sonho neo-gnóstico da “pós-evolução”: através delas, o homem “pós-biológico” almeja se desvincular das restrições espaciais e temporais ligadas à sua materialidade orgânica, para atingir a virtualidade e a imortalidade.

Como manter-se vivo?

Replicante Roy (Blade Runner)

O corpo deve tornar-se imortal para se adaptar. Sonhos utópicos tornam-se imposições pós-evolutivas. Esta não é uma mera opção faustiana e também não deveria haver nenhum temor frankensteiniano na manipulação do corpo.

Stelarc¹

Nossa vida é a confusa resposta a indagações de cuja origem há muito nos esquecemos.

Peter Sloterdijk²

Palavras-chave: novas tecnologias, corpo pós-orgânico, subjetividade contemporânea.

Introdução

A informática, as telecomunicações e as biotecnologias representam três áreas fundamentais da tecnociência contemporânea. Tais saberes contribuem fortemente para a produção dos corpos e das subjetividades deste início de século, apresentando todo um leque de promessas, temores e sonhos.

Dentre eles, surge uma possibilidade inusitada: o corpo humano, na sua antiga configuração biológica, estaria tornando-se “obsoleto”. Intimidados pelas pressões do tecnocosmos, os corpos contemporâneos não conseguem fugir das tiranias (e das delícias) do *upgrade*. De acordo com um estudo publicado recentemente na revista *Scientific American*, a “evolução tecnológica” seria dez milhões de vezes mais veloz do que a “evolução biológica”. Nesse ritmo, como pretender que o velho corpo humano --tão primitivo em sua organicidade-- não se torne “obsoleto”? A atualização científico-tecnológica da velha estrutura orgânica já não obedece, então, às velhas ordens da evolução biológica. Com ela, pelo contrário, estaríamos inaugurando uma nova era: a da “evolução pós-humana” ou “pós-evolução”, que supera amplamente, em velocidade e eficiência, os lentos ritmos da evolução natural.

Neste artigo, seguindo as reflexões do sociólogo português Hermínio Martins, analisaremos estes fenômenos sob o viés de uma certa tradição “fáustica” do pensamento ocidental sobre a tecnociência. Em oposição à tradição “prometéica”, que pensa a tecnologia como a possibilidade de estender e potencializar gradativamente as capacidades do corpo humano, a corrente “fáustica” enxerga na tecnociência a possibilidade de transcender a própria condição humana. Valendo-se da nova alquimia tecnocientífica, o “homem-pós-biológico” estaria em condições de superar as limitações impostas pela sua organicidade, incluindo as doenças, o envelhecimento e até a morte. O “cyborg” seria, então, seu próprio demiurgo: o agente da sua própria “evolução pós-orgânica”. Entregue às novas cadências da tecnociência, o corpo humano parece ter perdido sua definição clássica, tornando-se permeável, manipulável, projetável.

Se a história mostra que “homem” e “tecnologia” sempre estiveram imbricados, na atual “sociedade tecnológica” essa imbricação parece estar se aprofundando e se tornando, por tanto, mais problemática. Como afirma o analista da cibercultura Mark Dery, no seu livro *Escape Velocity*: “Muitos temem (e uns poucos esperam) que os animais transgênicos sejam um mero prelúdio para a geração de super-humanos geneticamente fabricados”. E continua Dery, citando o livro *Wonderwoman and Superman: The Ethics of Human Biotechnology*, de John Harris: “agora estamos em condições de transcender as limitações das espécies particulares e combinar as

virtudes (e os defeitos) de diferentes espécies, e até programar nelas... atributos que nunca antes pertenceram a espécie alguma”. Prossegue Harris: “agora podemos, ou logo poderemos, criar novos seres ‘transgênicos’ de natureza e qualidade sem precedentes. Não seria exagerado dizer que a humanidade se encontra numa encruzilhada”.³

Essa potencialidade “demiúrgica” dos homens contemporâneos parece estar marcando a ruptura entre “humanidade” e “pós-humanidade”: agora o homem tem condições de se auto-criar, de produzir seu próprio corpo. Outro corte radical decorre da dissolução das velhas fronteiras entre o organismo natural --o próprio corpo-- e o arsenal de artifícios que a tecnociência coloca nas mãos do novo demiurgo humano para que ele administre a sua “pós-evolução”.

A seguir, exploraremos estes processos de hibridização homem-tecnologia, procurando localizar neles a noção fáustica de “transcendência”, bem como as tendências “neo-gnósticas” ligadas a uma certa sacralização da tecnociência contemporânea, na sua fusão com o corpo humano, visando a libertação das restrições espaciais e temporais ligadas à materialidade orgânica. Finalmente, procuraremos descobrir as articulações destes processos com a formação político-econômica e social no cerne da qual eles estão se desenvolvendo.

O homem pós-orgânico: um projeto fáustico

A biotecnologia fornecerá os instrumentos que nos permitirão realizar o que os especialistas em engenharia social não conseguiram. Neste estágio, teremos encerrado definitivamente a história humana, porque teremos abolido os seres humanos enquanto tais. Então começará uma nova história, para além do humano.

Francis Fukuyama⁴

Que tipo de “saber” é esse, que faz do corpo humano um objeto da “evolução pós-biológica”? Aqui sustentaremos, seguindo os trabalhos do sociólogo português Hermínio Martins, que se trata de uma tecnociência de vocação “fáustica”, cuja meta consiste em ultrapassar a condição humana. Por isso, é possível detectar nela fortes tendências “gnósticas”, que rejeitam a organicidade e a materialidade do corpo humano, procurando --na sua superação-- um ideal ascético, artificial, virtual, imortal.

São vários os mitos que, na tradição ocidental, dão conta da mistura de encantamento e temor provocada pelas potencialidades da tecnologia e do conhecimento. Dos mitos cristãos de

Adão e Eva e a Torre de Babel até o mito judeu do Golem, passando pelo famoso Frankenstein e pelo “aprendiz de feiticeiro”, aquele rapaz que conhecia o suficiente de magia para iniciar um processo, mas não o suficiente para interrompê-lo no momento apropriado. Entre os gregos estão Hefestos, Ícaro, Dédalo e o grande clássico: Prometeu, o titã que após fornecer aos homens o fogo (e, através dele, a “tecnologia”) foi severamente punido pelos deuses. Tal mito denuncia a arrogância da humanidade, na sua tentativa de usurpar --através da ciência-- as prerrogativas divinas.

Nos ensaios “Hegel, Texas: temas de filosofia e sociologia da Técnica” e “Tecnologia, Modernidade e Política”,⁵ o sociólogo português Hermínio Martins se vale de duas figuras míticas da cultura ocidental para analisar a tecnociência moderna e contemporânea. A tradição “prometéica” e a tradição “fáustica” constituem duas linhas de pensamento sobre a técnica, que podem ser detectadas nos textos de diversos autores dos séculos XIX e XX. Martins conclui que é na segunda dessas duas tendências que se inscreve a filosofia subjacente à tecnociência contemporânea: as suas características “fáusticas” podem ser inferidas nos diversos projetos, pesquisas e descobertas que brotam da prolífica agenda tecnocientífica de nossos dias. Para explorar as razões de tal alinhamento e analisar a maneira peculiar com que a construção do “homem pós-orgânico” aqui apresentada se encaixa nessa problemática, passaremos brevemente à descrição que Hermínio Martins faz de ambas as tendências.

Em primeiro lugar, se a tradição prometéica pretende dominar tecnicamente a natureza, o faz visando “fins humanos”, mais especificamente: “o bem humano, a emancipação da espécie inteira e, em particular, das ‘classes mais numerosas e pobres’”. Apostando no “papel intrinsecamente libertador do conhecimento científico”, visa atingir o “melhoramento tecnológico das condições de vida da espécie”, graças à dominação racional da natureza. Confiantes no progresso, os cientistas prometéicos têm uma visão instrumental da técnica, cujo desenvolvimento levaria à construção de uma verdadeira “sociedade científico-industrial”, capaz de superar a opressão e a miséria humana.⁶

A partir desta primeira apresentação, é fácil esboçar a linhagem desta tradição: percebem-se traços do espírito iluminista, do positivismo e do socialismo utópico. Em todos eles prima a fé no progresso material e na perfectibilidade técnica, nos avanços da ciência como conhecimento racional da natureza, e na sua capacidade de melhorar gradativamente as condições de vida dos homens. No entanto, como esclarece Hermínio Martins, para esta linha de pensamento tais

processos têm uma duração “indefinida”: mergulham longamente no futuro, mas não são pensados como sendo “infinitos”. Pelo contrário, os prometeístas tecnológicos consideram que há limites “do que pode ser conhecido, do que pode ser feito e do que pode ser criado”. Nos seus discursos, Martins detecta um espaço reservado aos “mistérios (...) da origem da vida e da evolução biológica”, questões que estariam fora do alcance da racionalidade.⁷ Ao que parece, então, estes cientistas entenderam a lição do velho Prometeu: certos assuntos pertencem, exclusivamente, aos domínios divinos.

Por isso, se é lógico supor que --para os prometeístas-- o progresso da tecnociência implica também um “aperfeiçoamento do corpo”, este será sempre “naturalista e não-gnóstico”. Pois, de acordo com esta visão, os artefatos técnicos constituem meras extensões, projeções e amplificações das capacidades próprias ao corpo humano. Aí a tecnociência prometéica se detém, sem pretender ultrapassar o umbral da “vida”, porque “a vida orgânica nunca será compreendida de modo tão fundamental (...) quanto os mundos físico e humano, ambos os quais são susceptíveis de indefinida mecanização, de uma maneira que a vida orgânica não o seria nunca”.⁸

Assim sendo, para esta maneira de compreender a tecnociência, “o mundo da natureza viva manter-se-ia (...) gloriosamente refractário à mecanização, ainda que, como é evidente, não imune a depredações humanas”. Esta recusa da vida orgânica em se deixar penetrar pelas ferramentas tecnocientíficas constitui uma “incontornável limitação ao nosso conhecimento e ao nosso poder”, como o próprio Martins assinala. Hoje, porém, é inegável a ostensiva refutação desta tese. Os avanços mais recentes na área das biotecnologias estão dando corpo a “um espectro de mecanização planetária universal”,⁹ em palavras do próprio Hermínio Martins. Ao mesmo tempo, ficou abalada a fé na racionalidade, no progresso e na história, que sustentava o projeto científico moderno. Em fim: na “sociedade tecnológica”, o antigo prometeísmo está em decadência.

É aqui onde entra em cena a outra vertente filosófica da tecno-ciência: a tradição “fáustica”. Não se trata de uma corrente nova no pensamento ocidental sobre a técnica: nesta linhagem, Martins cita alguns representantes do pensamento alemão, encabeçados por Spengler e Heidegger. A tradição fáustica esforça-se por desmascarar os argumentos prometéicos, afirmando que o caráter da ciência é essencialmente tecnológico: haveria uma dependência, tanto conceitual quanto ontológica, da ciência com relação à técnica. Existiria um “programa tecnológico oculto” no projeto científico, explica Martins, de maneira que a sua “fecundidade tecnológica” não seria

um mero sub-produto mas seu objetivo primordial. “Os procedimentos científicos não visam a verdade (...) ou o conhecimento da natureza íntima (...) das coisas, mas tão só a cabal compreensão dos fenômenos, estritamente para fins de previsão e controle do mundo fenomênico”.¹⁰

Após esta breve apresentação, não custa associar os parâmetros fáusticos à tecnociência contemporânea. Como diz Martins: “a tecnologia e a ciência moderna não constituem apenas os derradeiros e mais apurados capítulos da história cognitiva global da espécie e do progresso geral do espírito humano (...), antes implicam um corte radical com a ciência e a técnica anterior”. Lembra Martins que, para Scheler, por exemplo, “existe uma afinidade electiva entre a técnica fáustica --o impulso para a apropriação ilimitada da natureza-- e o capitalismo --o impulso para a acumulação ilimitada de capital”. Por outro lado, a vertiginosa corrida tecnológica da sociedade atual, bem como o seu inextricável relacionamento com os mercados globalizados do capitalismo pós-industrial, não fazem mais do que reforçar esta reflexão do próprio Martins: “já não há confiança na afinidade electiva dos valores e das normas da ciência moderna que impregnaram largamente as tradições prometéicas”.¹¹

Assim, o estudo de Hermínio Martins leva a concluir que houve uma forte mudança na base filosófica da tecnociência ocidental, especialmente notória nas últimas duas décadas. Houve uma ruptura com relação ao pensamento moderno, de características prometéicas. Claramente, a meta do atual projeto tecnocientífico não consiste na melhoria das ainda miseráveis condições de vida da maioria dos homens: ele está norteado por um impulso insaciável e “infinetista”, sem os limites que constroem o projeto científico prometéico: um “impulso cego para o domínio sem fim”, para a apropriação ilimitada da natureza, tanto exterior quanto interior ao corpo humano.¹² Assim, sai de cena o velho Prometeu, cedendo seu lugar ao ambicioso Fausto.

IMORTALIDADE: para além do TEMPO humano

Tecnicamente, não haveria mais razão para morrer (...) A morte é uma estratégia evolutiva superada. O corpo não precisa mais ser consertado; suas peças serão simplesmente repostas. A vida estendida não significa mais “existir”, porém ser “operacional”.

A tecnociência contemporânea, inscrita na tradição filosófica que aqui denominamos “fáustica”, visa a ultrapassagem das limitações biológicas ligadas à materialidade do corpo humano e que restringem as suas potencialidades. Várias dessas limitações pertencem ao eixo “temporal” da existência humana. A tendência fáustica, nesse sentido, está bem representada pelas atuais descobertas e projetos na área das **biotecnologias** (transgênicos, clonagem, genoma, etc.), que colocam o arsenal científico-tecnológica na luta contra o envelhecimento e a morte.

Segundo o próprio Hermínio Martins, as biotecnologias “não buscam meramente facultar melhoramentos cosméticos e mais próteses para organismos humanos e não-humanos, mas criar novas formas de vida.”. Tais ferramentas da mais recente tecnociência não pretendem “estender” ou “ampliar” as capacidades do corpo humano; pelo contrário, elas têm uma “vocação mais decididamente ontológica”. É a vocação “transcendentalista” já comentada, que enxerga no arsenal tecnocientífico a possibilidade de ultrapassar as limitações inerentes à condição humana. Como diz Martins: “as formas de vida artificial iludem as fronteiras naturais e os limites da evolução biológica ‘normal’. A actual agenda biotecnológica também inclui a criação de formas de vida mistas, biológicas e mecânicas”.¹⁴

Com as suas “criações ônticas”, a tecnociência contemporânea redefine as antigas fronteiras, “rediferencia, desdiferencia e re-estratifica a cadeia pré-existente de seres naturais como matéria puramente manipulável”, afirma Hermínio Martins. Subvertida a velha prioridade do orgânico sobre o mecânico, impõe-se o que Martins denomina “a agenda da demiurgia tecnológica atual”, da qual faz parte “a criação de novas tecno- espécies, envolvendo várias combinações do orgânico e do inorgânico, do natural e do artificial, do humano e do não-humano”.

Assim como os corpos dos homens, na sociedade tecnológica também o mundo e o cosmos viraram “pós-biológicos” e “pós-orgânicos”. Envolvidos no que Martins chama de “projeto faustiano de Gestão Total dos mundos orgânico e inorgânico”, vemos as novas tecnologias colocando em questão as velhas fronteiras entre esses mundos, bem como entre o natural e o artificial. “Formas de vida artificiais, seres bio-mecânicos, computadores com aparência de vida: estas criações ônticas mostram que as implicações ontológicas das biotecnologias e das novas tecnologias da informação são consideráveis e desafiam a metafísica descritiva recebida (nossa imagem do equipamento básico do Mundo e suas articulações ontológicas), bem como as cosmologias comuns”.

Nesse marco, a sociedade atual assiste ao surgimento das mais variadas “visões tecnofônicas”, aspirantes a “um saber total quase divino”, capaz de controlar a vida superando todas suas limitações tipicamente orgânicas. Inclusive a mais fatal de todas elas: a mortalidade. No processo de hibridização com as máquinas, o corpo humano poderia se livrar da sua natural finitude. Os cientistas que hoje trabalham em projetos de inteligência artificial, por exemplo, visam remover a mente do cérebro humano e transferi-la para uma máquina. “Todos os poderes da mente humana --concebida como uma espécie do gênero de sistema de processamento de informação-- poderiam em princípio ser integralmente transferidos para programas de computador”, constata Martins. O autor comenta o projeto de Hans Moravec, um dos cientistas mais renomados dessa área: “dentro de 40 anos, todos os traços da vida mental de uma dada pessoa podem ser inteiramente simulados por programas de computador, e (...) conseqüentemente se poderia continuar a existir como uma mente sem o cérebro que antes suportava a vida mental”.

VIRTUALIDADE: para além do ESPAÇO humano

A tecnologia continuará a migrar em direção ao corpo, reconfigurando, expandindo e transportando-o para ligares remotos em tempo real. (...) No próximo século, mais e mais pessoas irão viver, interagir e trabalhar entre mundos dentro e fora do computador.

Eduardo Kac ¹⁵

Outro leque de limitações ligadas à materialidade orgânica do corpo humano, que restringem as suas potencialidades, está inscrito no eixo “espacial” da existência. O atual “imperativo da conexão” representa esta tendência, estimulado pela abundante oferta de dispositivos e serviços da área **informática** e das **telecomunicações**.

O corpo humano hoje é entendido como “informação”: ele é um “banco de dados”, um “código”, um conjunto de instruções programáveis. Metáforas cibernéticas e tele-informáticas estão presentes em todos os âmbitos, inclusive nos projetos mais importantes da tecnociência contemporânea, tanto biotecnológicos quanto teleinformáticos. Nosso corpo é um sistema capaz de processar informações; apenas um, dentre vários outros com os quais ele coexiste e interage. Nesse sentido, o corpo humano também pode sofrer *upgrades*, pois as criações tecnocientíficas prometem libertá-lo dos seus limites biológicos, obsoletos, superando assim a sua organicidade animal para se tornar mais compatível com o tecnocosmos que o circunda.

Nesta perspectiva, o modelo mecânico do corpo humano estaria em decadência. As metáforas **mecânicas** passaram a um segundo plano, relevadas pelas **informáticas**. Aquele robô prometício, o sujeito das sociedades disciplinares, o “autômato” do capitalismo industrial e da tecnociência de vocação prometícia; em fim: o “corpo-máquina”, também estaria ficando obsoleto.

Como observou Paul Virilio no ensaio acima citado: “a noção de informação hoje tende a se generalizar em detrimento da de massa e da de energia”. Assim como os **músculos** marcaram a era industrial, no regime das disciplinas analisado por Michel Foucault; nota Virilio que no corpo humano contemporâneo o foco parece estar colocado nos **nervos**, com um conjunto de psicofármacos destinados a estimulá-los e tranqüilizá-los.

Estaríamos deixando de ser **robôs** para virarmos **cyborgs**? Isso parece indicar a nova retórica: enquanto o **corpo-máquina**, característico da era **industrial**, vai ficando obsoleto; começa a surgir o reluzente **corpo-informação**, o sujeito da sociedade **pós-industrial**. Nesta nova face do capitalismo global, cuja base já não reside tanto nos produtos materiais quanto na informação, com a ênfase perpassada da **produção** para o **consumo**, assistimos a uma “virtualização” generalizada dos valores. Nesse marco, as velhas próteses **mecânicas** (exteriores ao corpo humano e ontologicamente diferenciadas do organismo), parecem ser menos “eficazes” do que os novos implantes **biotecnológicos e teleinformáticos**, internalizados, sem diferenciação clara com relação ao organismo. Eis um *upgrade* techno-científico e também político-social. Um projeto fáustico.

Neo-Gnosticismo

É hora de se perguntar se um corpo bípede, que respira, com visão binocular e um cérebro de 1.400 cm³ é uma forma biológica adequada. Ele não pode dar conta da quantidade, complexidade e qualidade de informações que acumulou; é intimado pela precisão, pela velocidade e pelo poder da tecnologia e está biologicamente mal-equipado para se defrontar com seu novo ambiente extraterrestre. O corpo é uma estrutura nem muito eficiente, nem muito durável. Com frequência ele funciona mal (...) Na verdade, agora é o momento de rejeitar os humanos, torná-los mais compatíveis com suas máquinas.

Stelarc¹⁶

“Ultrapassar os parâmetros básicos da condição humana --a sua finitude, contingência, mortalidade, corporalidade, animalidade, limitação existencial-- aparece como um móbil e até

como uma das legitimações da tecno-ciência”, confirma Hermínio Martins. Nos discursos percorridos neste trabalho, percebe-se claramente tal intenção de superar a condição humana, a viscosidade do corpo orgânico, os limites espaciais e temporais ligados à sua materialidade, e inclusive as doenças, o envelhecimento e a própria morte. Em síntese: transcender a humanidade. As reflexões de Martins permitem enxergar, tanto nas promessas quanto nas realizações deste programa biotecnológico e teleinformático, um certo parentesco com os velhos sonhos gnósticos de “se transcender radicalmente a condição humana (e não simplesmente de a melhorar e habilitar os seres humanos a triunfarem sobre forças naturais hostis)”.¹⁷ Tal característica é marcadamente fáustica, em oposição às ambições prometéticas do projeto científico moderno.

É fáustico o “tecno-transcendentalismo” associado aos discursos sobre o nascente “homem pós-biológico”, e ele está notoriamente impregnado daquilo que Martins denomina “gnosticismo científico-tecnológico”. Certas características do gnosticismo clássico ressurgem a partir dos projetos transcendentalistas da tecno-ciência mais recente: horror ao orgânico, repugnância pelo corpo, aversão pelo natural; “a ‘viscosidade’ das coisas é sentida como radicalmente inimiga do espírito”,¹⁸ esclarece o próprio Martins. A tecnologia informática e das telecomunicações parece disposta a realizar tais sonhos neo-gnósticos, pois, com a sua tendência “virtualizante”, a aparelhagem digital converte tudo em “informação”, inclusive os próprios corpos humanos.

Como já foi mencionado, o corpo que interage intimamente com estas vertentes da tecnociência contemporânea (a teleinformática e as biotecnologias) é um corpo-informação. Deixando para trás o modelo mecânico do corpo-máquina, os novos corpos da era pós-industrial se inspiram no modelo da informação digitalizada, composta de luz, feita apenas de uns e zeros, que não precisa de um suporte material para atravessar tempos e espaços.

Adotando a terminologia proposta por Hermínio Martins, então, diremos que é “neo-gnóstica” esta rejeição da materialidade orgânica e esta vontade de “virar luz”, ultrapassando as limitações temporais e espaciais ligadas ao fato de sermos “orgânicos, demasiadamente orgânicos”. De acordo com esta tendência, então, estaríamos virando “pós-orgânicos” e, com isso, “pós-humanos”, apontando para a imortalidade e a virtualidade.

Dos “corpos dóceis” aos “corpos ligados”

Após analisar a presente construção científico-tecnológica e discursiva do corpo “pós-orgânico”, “pós-biológico” e “pós-humano”, surge uma pergunta desafiadora: quais são as implicações políticas e econômicas destes processos, numa sociedade voltada para a produção de consumidores dos mercados globalizados? Se, como mostrou Michel Foucault, todas as sociedades produzem determinados tipos de corpos e subjetividades, e determinados saberes sobre eles, então cabe perguntar: que tipo de corpo e que tipo de sujeito estão sendo criados na nossa “sociedade tecnológica”, junto com os “saberes” aqui analisados?

Para tentar responder a estas perguntas, talvez seja preciso inserir estas novas configurações do corpo e do sujeito na problemática das “sociedades disciplinares” do próprio Foucault, que fora re-elaborada por Gilles Deleuze para estendê-la à atual sociedade informatizada, através do conceito de “sociedades de controle”. Ao mudar o foco da **produção** para o **consumo**, a sociedade ocidental já não parece precisar tanto daqueles “corpos dóceis” destinados a alimentar as engrenagens industriais, quanto de novos tipos de corpos (acaso “ávidos”), dispostos a consumir os produtos e serviços gerados pelo novo capitalismo de sobre-produção e marketing. Corpos que intimam com a tecnologia: corpos ligados, conectados, sintonizados, “antenados”. Corpos “superexcitados”, hiper-estimulados e aparelhados pela tecnociência. Corpos permanentemente ameaçados pelo fantasma da própria obsolescência; corpos ansiosamente submetidos ao turbilhão do *upgrade* constante. Corpos “fáusticos”.

Quando o filósofo alemão Peter Sloterdijk expressou a sua preocupação com o surgimento de uma nova sociedade de “animais domésticos”, norteada pelas “antropotécnicas” e pela possibilidade de efetuar uma “reforma genética” que poderá levar a um “planejamento explícito” do gênero humano, ele próprio deslizou uma suspeita: “não seria inócuo que homens criassem homens com vistas à inocuidade”.¹⁹ Porém, o que é aquilo que estaríamos nos tornando, ainda é uma pergunta sem resposta. Um “impensado” que deve ser pensado com urgência, pois “lutas inevitáveis começarão a travar-se sobre o direcionamento da criação dos seres humanos”.²⁰

Como indicou Deleuze no seu “Post-Scriptum sobre as sociedades de controle”: as novas tecnologias inauguraram instâncias subjetivantes capazes de substituir as velhas instituições de confinamento, típicas das sociedades disciplinares hoje em crise. Cabe refletir, então, acerca do papel desse novo sujeito aqui analisado, o “homem biotecnológico e teleinformático” de vocação fáustica, neste complexo regime de poder. Quais seriam as suas limitações, e quais as suas opções de resistência e de criação? Crescerão as possibilidades tecno-demiúrgicas de produção de si

mesmo e do mundo? Ou, pelo contrário, diminuirão as dimensões pública e política, face à utopia do conforto e as tiranias do *upgrade*?

Referências

- ¹ STELARC - “Das estratégias psicológicas às ciberestratégias: a protética, a robótica e a existência remota”, in *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*, (org.) Diana Domingues, Fundação Editora da UNESP, São Paulo, 1997, p. 58.
- ² SLOTERDIJK, Peter – *Regras para o parque humano*, Estação Liberdade, São Paulo, 2000, p. 57.
- ³ DERY, Mark - *Escape Velocity*, Grove Press, New York, 1996; p. 230.
- ⁴ FUKUYAMA, Francis – “O fim da humanidade”, *Los Angeles Times*, junho de 1999; citado em VIRILIO, Paul – *Estratégia da decepção*, Estação Liberdade, 2000, p. 93.
- ⁵ MARTINS, Hermínio - “Hegel, Texas: temas de filosofia e sociologia da Técnica” e “Tecnologia, Modernidade e Política, in *Hegel, Texas e outros ensaios de teoria social*, Edições Século XXI, Lisboa, 1996.
- ⁶ MARTINS, Hermínio - *op. cit.*; p.200, 176 e 202
- ⁷ MARTINS, Hermínio - *op. cit.*; p. 209 e 210.
- ⁸ MARTINS, Hermínio - *op. cit.*, p.183 e 209.
- ⁹ MARTINS, Hermínio - *op. cit.*, p. 209.
- ¹⁰ MARTINS, Hermínio; *op. cit.*, p. 226, 227, 228 e 229.
- ¹¹ MARTINS, Hermínio; *op. cit.*, p. 229, 237 e 243.
- ¹² MARTINS, Hermínio; *op. cit.*, p. 234, 235 e 236.
- ¹³ STELARC - *op. cit.*, p. 57 e 58.
- ¹⁴ MARTINS, Hermínio; *op. cit.*, p. 188. As citações dos três parágrafos seguintes correspondem às páginas 189 e 195 deste mesmo ensaio.
- ¹⁵ KAC, Eduardo - “A arte da telepresença na Internet”, in *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*, (org.) Diana Domingues, Fundação Editora da UNESP, São Paulo, 1997.
- ¹⁶ STELARC – *op. cit.*; p. 54 e 59.
- ¹⁷ MARTINS, Hermínio; *op. cit.*, p. 172.
- ¹⁸ MARTINS, Hermínio; *op. cit.*, p. 172.
- ¹⁹ SLOTERDIJK, Peter - *op. cit.*, p. 40.
- ²⁰ SLOTERDIJK, Peter - *op. cit.* As citações deste parágrafo e dos quatro seguintes foram extraídas da página 40 à 47 desse livro.

Bibliografia

BUREAUD, Annick - “Stelarc. The buzzing of the Hybrid”, in *Art Press* 207.

CRARY, Jonathan e KWINTER, Stanford (orgs.) - *Incorporaciones*, Ediciones Cátedra, Madrid, 1996.

DAVIS, Erik - *Techgnosis: Myth, Magic & Mysticism in the Age of Information*, Three Rivers Press, San Francisco, 1999.

DELEUZE, Gilles - “Controle e devir” e “Post-Scriptum sobre as sociedades de controle”, in *Conversações*, Editora 34, Rio de Janeiro, 1992.

DERY, Mark - *Escape Velocity*, Grove Press, New York, 1996.

FOUCAULT, Michel - *Historia da Sexualidade*, v. 1: *A vontade de saber*, Graal, Rio de Janeiro, 1980.

FOUCAULT, Michel - *Microfísica do Poder*, Graal, Rio de Janeiro, 1981.

FOUCAULT, Michel – *Vigiar e Punir*, Vozes, Petrópolis, 1977.

FOUCAULT, Michel - *A verdade e as formas jurídicas*, Ed. NAU, Rio de Janeiro, 1996.

GUATTARI, Félix – “Da produção de subjetividade”, in PARENTE, André (org.) - *Imagem-Máquina, A era das tecnologias do virtual*, Editora 34, Rio de Janeiro, 1993.

HARAWAY, Donna - *Simians, Cyborgs, and Women. The Reinvention of Nature*, Routledge, New York, 1991.

HAYLES, Katherine - *How We Became Posthuman: Virtual Bodies in Cybernetics, Literature, and Informatics*, Chicago, 1999.

JONAS, Hans – *El principio vida. Hacia una biología filosófica*, Editorial Trotta, Madrid, 2000.

KAC, Eduardo - “A arte da telepresença na Internet”, in *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*, (org.) Diana Domingues, Fundação Editora da UNESP, São Paulo, 1997.

MALINA, Roger F. - “Realidades úmidas: as artes e as novas biológicas”, in *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*, (org.) Diana Domingues, Fundação Editora da UNESP, São Paulo, 1997.

MARTINS, Hermínio - “Hegel, Texas: temas de filosofia e sociologia da Técnica” e “Tecnologia, Modernidade e Política”, in *Hegel, Texas e outros ensaios de teoria social*, Edições Século XXI, Lisboa, 1996.

MITCHAM, Carl – “Tres formas de ser con la tecnología”, in *Anthropos* Nº 14, Baelona, 1990.

ONFRAY, Michel - “Orlan. Surgical Aesthetics”, in *Art Press* 207.

POSTER, Mark - “Todos somos cyborgs”, entrevista com Paula Sibilia, in *CompuMagazine* N.110, Buenos Aires, Setembro 1997.

SLOTERDIJK, Peter - *Regras para o parque humano*, Estação Liberdade, São Paulo, 2000.

STELARC - “Das estratégias psicológicas às ciberestratégias: a protética, a robótica e a existência remota”, in *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*, (org.) Diana Domingues, Fundação Editora da UNESP, São Paulo, 1997.

VIRILIO, Paul – “Do super-homem ao homem superexcitado”, in *A arte do motor*, Estação Liberdade, São Paulo, 1996.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro 2001
